

NÃO HESITAVA EM IR PELA BANDA DESENHADA

Raul Pinheiro Henriques

- ▶ *Os Mistérios da Floresta Negra*, Emílio Salgari
- ▶ *O Retrato de Dorian Gray*, Oscar Wilde
- ▶ *A ilha do Tesouro*, R. L. Stevenson
- ▶ *Os Três Mosqueteiros*, Alexandre Dumas
- ▶ *O Conde de Monte-Cristo*, Alexandre Dumas
- ▶ *Robinson Crusoe*, Daniel Defoe
- ▶ *O Guarani*, José de Alencar
- ▶ *Aventuras de Dois Miúdos e Dois Castores*, Grey Owl
- ▶ *As Aventuras dos Cinco*, Enid Blyton
- ▶ *Romance da Raposa*, Aquilino Ribeiro
- ▶ *O Triunfo dos Porcos*, George Orwell

Lá em casa não havia muitos livros. A biblioteca cabia toda num armário-estante e limitava-se a alguns livros técnicos de contabilidade e afins, algumas obras da editora Cosmos, porque o meu pai fora aluno de Bento de Jesus Caraça e o admirava com veneração, e várias obras de Émile Zola (cuja leitura viria a ser determinante para as minhas escolhas políticas futuras). A biblioteca engrossou entretanto com uma *História Universal* de Henry Pirenne comprada em fascículos e posteriormente encadernada. Mais tarde, assediado por um vendedor convincente, enchendo-se de coragem, o meu pai comprou uma enorme enciclopédia Larousse.

Como se vê, o ambiente não era lá muito encorajador para a leitura.

Depois havia a preguiça e o tempo a ocupar com a brincadeira com o meu irmão, de idade muito próxima da minha, e os amigos. Roubávamos umas horas aos estudos para jogar jogos de futebol com caricas.

De facto, a minha entrega, com um prazer difícil de descrever, mas que muitas vezes me avassala, à leitura só veio em fase serôdia. Não, não fui um leitor interessado desde pequeno. Mas tenho pena. Sobretudo quando depois me fui dando conta das muitas insuficiências da minha preparação literária e, com Proust, entre muitos outros, encetei a minha procura do tempo perdido. Mas, em miúdo, entre um livro de prosa e uma banda desenhada eu não hesitava em ir pela banda desenhada.

Foi através da banda desenhada da Agência Portuguesa de Revistas, na sua colecção *Piratas Malaios*, que me familiarizei com a obra de Emílio Salgari. Esta apresentava títulos tão apelativos como *Os Mistérios da Floresta Negra* ou *Os Tigres de Mompracem*. Eram histórias de rebelião contra o usurpador e de amores improváveis. Os usurpadores eram os ingleses, contra quem combatiam Sandokan e os seus piratas da Malásia. Um atractivo adicional para nós, leitores portugueses era a personagem João, o português, o maior amigo e companheiro de aventuras de Sandokan.

Estes piratas faziam-me sonhar com actos de coragem, de bravura, de valores para lá da obediência, mas também da opressão, da traição e da morte. Sandokan, convidado de uma caçada entre ingleses onde se encontra infiltrado e com a identidade escondida, puxa do seu *kriss* e, olhando um tigre nos olhos, exclama antes de lhe espetar a lâmina: “olha-me bem; eu também sou um tigre”. Era bem ele, o *tigre da Malásia*, um émulo de intrepidez para lá do possível, que superava os limites da dimensão humana.

A paixão é, nestes romances, superior a qualquer força e mesmo a qualquer lógica: entre os malaios, nossos heróis, Tremal Naik apaixona-se pela filha de um oficial e Sandokan pela *pérola de Labuan* (epíteto que lhe é conferido pela sua pele branca como o alabastro) também inglesa, filha de um governante. O amor era um sentimento que estava para lá da razão: Tremal Naik apaixona-se pela sua amada pelo mero facto de a ver um dia fugazmente na floresta; depois tem sonhos atribulados por não mais a ver e decide, à custa de uma luta de morte contra os Thugs, que a aprisionavam, ir libertá-la. Mulheres belíssimas, amores proibidos e aventureiros, são coisas que batem com força na cabeça de um jovem em formação.

O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde, foi também um romance que li em versão de banda desenhada. Foi a minha primeira incursão numa certa dimensão do fantástico. Contribuiu para a minha formação com aquele, enraizado e muito literário, conceito de que não vale a pena vender a alma ao diabo.

Na minha infância, lá em casa ouvia-se rádio. Mesmo depois do começo das emissões de televisão, houve muitos lares que permaneceram na “idade da rádio”. Fosse por acharem que isso era uma despesa excessiva para o orçamento familiar ou por não quererem mergulhar-nos nesse tipo de consumo, os meus pais foram dos mais tardios a aderir ao novo electrodoméstico. Televisão era, para nós, uma actividade de férias ou de excepção, em casa de vizinhos ou amigos. A rádio permaneceu até meados da minha adolescência o meio privilegiado de contacto com o mundo. E, na rádio, havia teatro radiofónico; por vezes bom. Para mim foi um meio de conhecimento literário privilegiado. Foi através de programas de rádio que “li” adaptações de romances tão fundamentais como: *A ilha do Tesouro*, de R. L. Stevenson; *Os três Mosqueteiros* e *O Conde de Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas, *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, *O Guarani*, de José de Alencar e outros. Foram estas também viagens no campo da aventura, passadas em terras diferentes daquelas em que eu me movia no dia a dia, importantes para a minha formação.

A minha introdução ao que hoje chamaríamos ecologia processou-se através das *Aventuras de Dois Miúdos e Dois Castores*, de Grey Owl. É uma história de aventuras na floresta do Canadá que se traduz na colaboração entre os homens e a natureza, fonte de vida; trata-se da convivência entre os índios canadianos e os castores, e do que uns

aprendem com os outros. A dimensão que tanto desenvolvi da importância e dignidade da habilidade e do trabalho manual, tem certamente aqui algumas raízes.

Incontornáveis para os miúdos da minha geração, eram *As Aventuras dos Cinco*, de Enid Blyton. São histórias aventureiras vividas por cinco crianças de idades aproximadas, mas de personalidades diferenciadas. Havia que atravessar áridas descrições de contextos, por vezes demasiado pormenorizadas e que eu achava muito chatas, para se poder chegar ao que interessa: a aventura. A minha admiração ia para a maturidade corajosa de Júlio e o ar decidido, de maria-rapaz, da Zé.

Romance da Raposa, de Aquilino Ribeiro, foi um livro com que me cruzei em dada altura da minha juventude. Assim começa: «Havia três dias e três noites que a Salta-Pocinhas – raposeta matreira, fagueira, lambisqueira – corria os bosques, farejando, batendo mato, sem conseguir deitar a unha a outra caça além de uns míseros gafanhotos, nem atinar com abrigo em que pudesse dormir um sonhinho descansado». Este romance terá eventualmente sido um dos grandes responsáveis pelo interesse que hoje mantenho, e que tanto prazer me dá, pela língua portuguesa e as suas construções; é célebre e ficou na nossa língua, por exemplo, a expressão “quem não trabuca não manduca”.

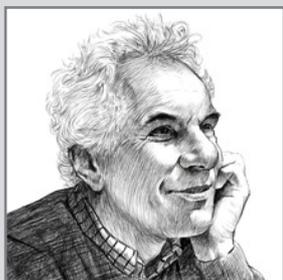
Uma leitura que muito me seduzia no meio da adolescência era a dos romances policiais. A impenetrável e infalível eficácia de *O Santo* (Leslie Charteris), a inteligência e classe de *Mike Hamer* de Mickey Spillane, eram motivo de admiração e emulação. A obra deste autor tinha para mim o atractivo suplementar de conter sexo explícito; Hamer era infalível a engatar lindas mulheres. Mas também me interessou a atitude mais humanista e com um talento especial para, através de deduções de carácter psicológico, chegar à solução dos casos, do *inspector Maigret*, personagem de Georges Simenon.

A literatura *western*, ou, como dizíamos, os livros de índios e *cowboys*, quase toda, confesso, de muito má qualidade, vista à luz dos meus olhos de não jovem, foi fundamental para a formação do meu imaginário. O pistoleiro que entrava na cidadezinha do Oeste, enfrentando os poderes estabelecidos, para fazer justiça pela ponta do revólver de seis tiros, para se retirar, solitário, ao pôr-do-sol, deixando para trás um possível amor, porque quer continuar a sua vida de aventuras em favor dos fracos, era um personagem que me calava fundo. Só mais tarde, quando comecei a frequentar as sessões de cineclubes, no último ano do liceu, vim a perceber que os nem os maus eram sempre os índios, nem os bons eram sempre os *cowboys*.

Um dia, a parca biblioteca lá de casa enriqueceu-se com *Jubiabá e Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado. O meu pai, vendo a minha curiosidade e a do meu irmão pelos livros, logo nos disse que aquilo não era leitura para a nossa idade. Mas, pouco depois, já a sós comigo (teria eu uns 14 anos, um a mais que o meu irmão), disse-me que eu já tinha idade para ler tudo o que quisesse; o critério era meu. Espantado ainda com o liberalismo assim demonstrado, mas espicaçado pela proibição inicial – o fruto proibido é o mais apetecido – atirei-me logo à leitura destes livros. Estas leituras contribuíram muito para a minha aproximação literária às coisas do sexo, abençoado seja Jorge Amado. Não foram raros os livros que depois vim a ler na procura de cenas explícitas de sexo, inspiradoras das minhas fantasias.

Já numa fase adiantada da adolescência, inscrevi-me no Instituto Britânico, para melhorar o meu inglês. Tive a felicidade de ter como um dos livros que lá era estudado,

O Triunfo dos Porcos, de George Orwell. A rebelião dos animais contra a opressão a que eram sujeitos pelos homens, seus donos. Depois de uma fase inicial de “poder popular”, a coisa vem a dar para o torto, pois entre os animais emerge uma nata de líderes: os porcos. Quando finalmente os homens se vêem obrigados a negociar com os animais, sentados à mesa de negociações, uns não se conseguem distinguir dos outros. Interrogo-me, hoje em dia, como era possível, ainda em regime de ditadura, este livro ser objecto de estudo. Mas ainda bem que o era. Claro que, nessa altura, não me dei conta de toda a complexidade da parábola; mas alguma coisa cá ficou. E esta leitura foi uma motivação importante para, já adulto, ter mergulhado num dos livros que mais me marcou: *1984*. Neste dei-me conta da importância de possuímos uma história, um passado. E aprendi como a tirania primeiro se estranha e nos impele a lutar contra ela; mas como ela se pode depois entranhar: no final, depois da repressão e sevícias por que passou, caído no torpor de uma existência passada em mesas de cafés à volta de copos de *gin*, Winston Smith, o “herói” do romance, acaba por dar-se conta de que ama o *Big Brother*, seu omnipresente opressor. ■



Raúl Pinheiro Henriques

nasceu há já várias décadas, fez coisas muito diferentes e teve várias paixões durante a vida.

Foi sucessivamente economista, artesão, marceneiro, designer, dono de uma serralharia com fundição de metais e empresário. Até que chegou à sua paixão actual, que são os livros. É tradutor de tudo o que aparece, revisor literário e escritor.